

O pagador de promessas



MARCELO NÉRI

Chefe do Centro de Políticas Sociais vinculado ao Inst. Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

Na literatura internacional de microcrédito, encontramos com frequência alusão nos seus títulos à promessa de microcrédito. O prêmio Nobel da Paz de 2006 concedido ao Grameen Bank e a seu criador Muhammad Yunus significa que a promessa está começando de fato a ser paga. O Brasil, um dos países recordistas mundiais dos juros altos, estava não só fora do microcrédito, como do crédito em geral. Hoje, em plena crise de crédito, o nível de crédito no País está no seu recorde histórico, 43% do PIB, o que reflete o crédito, leia-se confiança, das pessoas físicas e jurídicas umas nas outras. Agora, como chegamos aqui?

Há dois momentos marcados neste ganho de confiança. O primeiro foi, sem dúvida, quando começamos a dominar a inflação a partir do lançamento do Plano Real, há 15 anos. O segundo foi mais ou menos no meio desse caminho, em 2003, no que se pode chamar de segunda estabilização. No Real original, Fernando Henrique enfiou num só golpe a lança no peito do dragão da inflação. A partir daí, nos livramos da inflação nossa de cada dia, para começarmos a planejar nosso futuro. Longe das incertezas e das ilusões monetárias, passamos a ter uma agenda real. Já no que pode ser chamado de Real do Lula, começamos com um choque de confiança nos mercados, que redundou entre outras transações em aumento de crédito doméstico; hoje somos credores do FMI, temos investment grade etc. Mas a grande marca dos últimos anos é a redução da desigualdade, passamos - também na primeira pessoa do plural - a enxergar melhor os outros. Mas, e o crédito produtivo popular se beneficiou desta redistribuição de renda?

O Brasil, um dos países recordistas mundiais dos juros altos, estava não só fora do microcrédito, como do crédito em geral

O solitário pagador de promessas do microcrédito no Brasil chama-se Crediamigo com 65% do mercado nacional. Tal como no filme homônimo a este artigo, o Crediamigo se passa nas áreas pobres do Nordeste e também foi premiado internacionalmente pelo BID (e não em Cannes).

O segredo do programa é desenterrar o capital morto da chamada economia subterrânea, através de tecnologia similar de grupo solidário usada pelo Grameen Bank, do tipo "um por todos e todos por um". Isto levou nos seis anos iniciais do Crediamigo a uma ampliação do crédito produtivo popular nas áreas urbanas a taxas superiores ao resto do Brasil, ultrapassando os níveis nacionais - o que chamamos de Mistério Nordestino e, depois, foi confirmado por outras pesquisas do Banco Mundial.

O que dá vida ao programa é a confiança das pessoas umas nas outras, digo não só da confiança dentro dos grupos solidários, mas dos agentes de crédito e dos gestores do programa na metodologia, e do potencial de realização dos tomadores de crédito, o que se confirma na prática com aumentos de lucro da ordem de 42% entre o primeiro empréstimo e o final do ano passado, sem subsídios. Na quarta-feira, presenciei cerimônia histórica, quando o programa iniciou a sua expansão no Brasil para o Rio de Janeiro. Quem quiser ver para crer nos feitos do programa, pode acessar WWW.fgv.br.